

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

**MILITÂNCIA E DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR:
desafios em tempos de crise**

ROGÉRIO GONÇALVES DE FREITAS

Possui Graduação em Educação Física pela Universidade do Estado Pará (UEPA), é Especialista em Docência do Ensino Superior (ICED/UFPA). Faz parte do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais em nível de Mestrado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFPA na condição de Discente. É Bolsista do CNPq. Tem experiência na área de Educação, Educação Física, Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação Profissional, Mundo do Trabalho, Precarização do Trabalho, Saúde Docente e Qualidade de Vida.

Resumo: Este trabalho discute os desafios que se colocam para a categoria docente em face da crise aguda do sistema do capital. Retrata algumas políticas de privatização das universidades públicas no período de Fernando Henrique Cardoso e de Lula da Silva, fomentando em seguida, de maneira preliminar, a discussão da categoria denominada professor militante utilizada para designar a atuação docente comprometida com um projeto histórico de ruptura com o capital.

Palavras-chave: Ensino Superior. Crise do capital. Professor Militante.

MILITANCY AND TEACHING IN HIGHER EDUCATION: CHALLENGES IN TIMES OF CRISIS

Abstract: This paper discusses the challenges for class teaching in the face of acute crisis of the capital system. It depicts some policies of privatization of public universities during the Fernando Henrique Cardoso and Lula da Silva, encouraging then to a preliminary discussion of the category called militant teacher used to describe the performance faculty committed to a project of historical break with the capital.

Keywords: Higher Education. Crisis of capital. Professor Militant.

INTRODUÇÃO

Este artigo é apenas um preâmbulo de uma tentativa de discorrer sobre uma prática militante dos professores do ensino superior que lecionam em tempos de crise aguda do capitalismo. Primeiramente é preciso mostrar o método que se vai adotar para explicar a realidade. Segundo, ponderar sobre o processo de privatização da universidade pública de Fernando Henrique Cardoso e do governo de Lula da Silva. Por último será apresentado algumas características e desafios do professor militante.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

A COMPREENSÃO DO MÉTODO EM MARX E A DESTRUIÇÃO DA PSEUDOCONCRETICIDADE

No método da economia política, Marx (1993) mostra o que de melhor conseguiu entender sobre os fenômenos apresentados na vida real. Categoricamente diz que é comum utilizar o método de começar pelo real e pelo concreto. Assim, estudando economia política, normalmente ‘o ponta pé’ inicial se daria pela categoria população, como a base e o sujeito do ato social de produção como um todo. Esta era a maneira como os economistas clássicos analisavam a economia.

Marx (1993) afirma que é necessário fazer o sentido inverso, como o método mais coerente, pois o concreto só é assim por ser a síntese de múltiplas determinações, ou seja, é partindo das noções simples como o trabalho, a divisão do trabalho, a necessidade, o valor de troca que se chega ao Estado, às trocas internacionais e o mercado mundial. Esse é o ponto chave para se compreender e analisar os fenômenos sociais.

Outro autor importante na tradição marxista é Karel Kosik (2002). Ele descreve uma categoria fundamental onde o importante é passagem de uma contemplação do fenômeno para constituição do mundo real. Este conjunto de percepções nubladas ele denomina de o mundo da pseudo-concreticidade. Segundo Kosik (2002, p. 15), este mundo compõe, “ (...) o mundo dos fenômenos externos, que se desenvolvem a superfície dos processos realmente essenciais; o mundo do tráfico e da manipulação, isto é, da práxis fetichizada dos homens, a qual não coincide com a práxis crítica revolucionária da humanidade (...)”. Essa definição revela a estrutura perversa e ideológica da ordem burguesa.

O GOVERNO DE FERNANDO HENRIQUE CARDOSO E DE LULA DA SILVA E AS POLÍTICAS DE AJUSTES ESTRUTURAIS

No que tange às políticas educacionais, faz-se necessário compreendê-las para além do mundo da pseudo-concreticidade. Desta forma, é após a falência do Regime Militar, da



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

efervescência do movimento das Diretas Já, do governo de Sarney, na denominada ‘Nova República’, e da tática da burguesia sob a face desfigurada pela corrupção de Collor de Mello que Fernando Henrique Cardoso (FHC) entra em cena.

Sobre as consequências das políticas de avaliação e suas interferências no trabalho docente, destaca-se o caso da Gratificação de Estímulo à Docência- GED, instituída em 1998, a qual, segundo Conceição e Mota Júnior (2007), se orienta a partir da lógica neoliberal, interferindo na atividade docente pelo seu caráter produtivista e pela supervalorização das atividades de ensino em detrimento de outras, como a de gestão.

Outra política foi a avaliação dos cursos de graduação por meio da Lei 9.131/95, executada pelo MEC, que cria o Exame Nacional de Cursos (PROVÃO). Catani (2003) ressalta que a avaliação do ensino superior é central no processo de reforma e de ajustes estruturais da educação brasileira, sobretudo se considerarmos as medidas de avaliação como, por exemplo, o Exame Nacional de Cursos e a avaliação das condições de oferta de cursos de graduação, em 1997.

No jogo das continuidades de privatizações Lula aparece como o estandarte da esperança assumindo a presidência da República dia 1º de Janeiro de 2003. Foi possível assistir de perto os planos futuros de precarização das condições de vida que a classe trabalhadora iria passar como também os ataques que a universidade pública e os docentes iriam sofrer. Desta forma, no contexto do ensino superior, as políticas educacionais não tiveram outro caminho, a não ser confirmar os pressupostos dos ajustes estruturais do capital.

A degradação e o caminho que tomou o ensino superior no Governo Lula da Silva vem se efetivando por meio de projetos de lei e de medidas provisórias como o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), Lei 10.861, aprovada em 14/04/2004 e sua regulamentação por meio da Portaria MEC 2.051 em 09/07/2004; o Decreto nº 5.205 em 14/09/2004 sobre as fundações de apoio privadas, que regulamenta a



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Lei 8.958 de 20/10/2004 que versa sobre as relações entre as IFES e a pesquisa científica e tecnológica e as fundações de apoio; o Programa Universidade para Todos (PROUNI), aprovado, em definitivo, no final de dezembro de 2005 e já em execução, e o REUNI, proposta de ampliação do número de vagas nas universidades, não acompanhando na mesma proporção por concursos públicos para professores, ocasionando superlotação nas salas de aula e levando ainda mais a precarização do trabalho docente.

Nesta situação, entra em cena as fundações de apoio privado, justificado segundo Chaves (2006) pelos defensores das fundações, como por exemplos os reitores das IFES, como primordiais para agilizar e viabilizar a prestação de serviços. A autora ainda destaca que o papel real destas fundações é marcado pela não clareza na prestação de contas dos recursos adquiridos, falta de transparência de alocação dos recursos, além da ausência da universidade na fiscalização da administração e das finanças das fundações.

Todas essas investidas do capital, no que tange aos novos arranjos das políticas capitalistas para a educação superior, aprofundadas no governo Lula da Silva, expostas até então, revelam, ao mesmo tempo, no interior da luta de classes, a resistência, a luta, a mobilização, as greves, a indignação e o movimento, ora um pouco lento, ora mais explosivo, mais rebelde e também o potencial para a formação de professores com engajamento militante. Os sujeitos históricos que são liberados nesta fricção entre as classes e mais específico neste contexto são o movimento docente por serem um pouco mais estruturados do ponto de vista das condições materiais, além da inegável participação do movimento estudantil que combate as políticas de privatização e sucateamento da universidade pública brasileira.

A CONSTRUÇÃO DO PROFESSOR MILITANTE NO CONTEXTO DA LUTA DE CLASSES E DOS ATAQUES A CLASSE TRABALHADORA



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Sobre a construção de um professor militante em meio aos ataques do capital tanto da universidade pública quanto da classe trabalhadora, esse texto inicia com uma pergunta essencial: como se forma um professor militante? Para se responder essa questão faz-se necessário apontar quatro observações a respeito da construção de um professor militante. Sendo as três primeiras baseadas na elaboração de Moreno (2001) quando na exposição que o mesmo fez em um texto que versa na importância de ser um marxista e trotskista nos dias de hoje. A quarta diz respeito à necessidade de uma ampla base teórica marxista para a construção desse professor.

Moreno (2001) afirma, em primeiro lugar, que enquanto existir o sistema capitalista como modelo estruturador das relações sociais não existirá solução para qualquer tipo de problema que se tem atualmente, desde as questões que pairam na esfera da educação até as questões mais gerais como o problema da fome no mundo.

Em segundo lugar não existirá nenhuma concretização de um sistema novo de sociedade se não se prezar pela democracia operária nos setores onde se pretenda expropriar a burguesia. Para Moreno (2001, s/d) “(...) O grande mal, a sífilis do movimento operário mundial é a burocracia, os métodos totalitários que existem [...] nas organizações operárias, os sindicatos, os partidos que se reivindicam da classe trabalhadora”. Entende-se que, no domínio da formação militante, é impossível formar um professor militante salutarmente sob um cotidiano marcado pela burocratização desde a associação de professores em nível local até o sindicato ou a partidos políticos que estes possam atuar.

Em terceiro, Moreno (2001) chama à atenção à construção de organizações classistas em níveis mundiais. Sabe-se desde Marx que a emancipação da classe trabalhadora só poderá ser efetivada a partir de uma transformação global. É nesse bojo que a formação do professor militante deve passar, pois o sindicato a que pertençam deve necessariamente ser verdadeira escola para a revolução.

Em quarto lugar chama-se atenção a formação teórica da categoria dos professores.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Não se trata apenas de uma simples formação, trata-se de uma formação para a revolução, que transpareça no semblante de cada docente o espírito da mudança, da indignação frente ao capital. A formação deve ter por base a concepção materialista da história, uma formação contra o capital, com inspiração marxista, pois o lugar e o papel do professor militante na história da luta de classes deve ser de desmascarar os lacaios diplomados do obscurantismo acadêmico dos nossos tempos, que por outro lado militam na contra-mão da revolução mundial.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Destacou-se ao longo deste resumo expandido que as políticas de sucateamento e privatização das universidades públicas brasileiras, efetivadas principalmente pelos governos de Fernando Henrique Cardoso e Lula da Silva, precisam ser observadas para além da pseudoconcreticidade (Kozic,2002).

Nesta perspectiva os nexos existentes entre as políticas globais imperialistas de reestruturação do capital mediadas pelas ações - quer sejam elas no plano político e econômico ou na educação - dos governos sucessivos no Brasil, tendo como oposição os movimentos sociais, a exemplo do movimento docente, revelam no quadro da conjuntura duas situações complementares, a primeira é a possibilidade real de formação de professores militantes, a segunda é que isso pode perfeitamente ocorrer com mais ênfase em momentos como os de crises do sistema sócio-metabólico do capital, porém a concretização revolucionária jamais será efetivada se não houver mobilização plena das massas. Para tanto, o desafio colocado é este: a formação marxista contínua dos docentes e a mobilização constante da classe trabalhadora pelos sindicatos, movimentos sociais e partidos revolucionários rumo à superação do capital.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAVES, Vera Lúcia Jacob. Crise e privatização da universidade pública: de Fernando Henrique a Lula da Silva. Revista Universidade e Sociedade. São Paulo: editora Xamã. Ano XVI, nº38, 2006.
- CATANI, Afrânio Mandes. Educação Superior no Brasil: reestruturação e metamorfose das universidades públicas. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- CONCEIÇÃO, Darinez de Lima; MOTA JÚNIOR, Willam Pessoa. As políticas de Avaliação da Educação Superior e o Trabalho Docente na UFPA: o caso da GED. 2007.
- KOSIK, Karel. Dialética do Concreto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, PP. 13-64.
- MARX, Karl. Método da Economia Política, In: Contribuições à Crítica da Economia Política. São Paulo: Martins Fontes, 1993. P. 218-231.
- _____. O Capital. Crítica da Economia política. Tomo 1. Nova Cultural. Coleção Economistas, 2º Edição. São Paulo, 1985.
- MORENO, Nahuel. Ser Trotskysta Hoje. Marxists Internet Archive, novembro de 2001. Disp. em <<http://www.marxists.org/portugues/moreno/1985/mes/troskista.htm>>.

Recebido: 16/12/2009

Aceito: 12/01/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br